

Capítulo II - Entre “Nós”, O infinito

*“Há fios invisíveis que nos ligam. Alguns, o tempo tenta romper.
Outros, o universo inteiro conspira, e os mantém unidos.”*

Selene acordou com a sensação de que alguém lhe tocava o pensamento. Não era sonho. Nem delírio. Era mais íntimo que isso — como um sussurro tecido entre os neurônios, como o eco de um amor que se recusa a desaparecer. Era algo que não se percebe com a razão, que apenas existe. Desde que Ravi se foi, tudo nela parecia flutuar entre o real e o ausente. Vivía: mas como quem apenas espera.

Os dias passavam como páginas viradas por um vento apático, e as noites se estendiam, longas e doídas, como um filme pausado na última cena de um abraço. Aquela parte que você assiste de novo, de novo...e de tanto repetir gruda em suas pálpebras, e mesmo de olhos fechados é possível vê-la, nítida. Seus dias eram assim: cenas de Ravi. O sorriso de Ravi, as frases inesquecíveis de Ravi, o beijo estonteante de Ravi...

Mas naquela madrugada, algo mudará.

— Selene... você ainda está aí? Ela se sentou na cama com o coração em sobressalto. O nome — dito assim, com aquela voz grave e serena — era uma chave oculta. Abria passagens secretas. Aquele timbre, aquele silêncio entre as palavras... não podia ser invenção. Não era. Era ele. Ravi.

Ela apertou o peito com as duas mãos, tentando conter o tumulto dentro de si. Era impossível. Inadmissível. Entretanto...Imensamente verdadeiro. Respirou fundo absorvendo aquela sensação de presença, ainda que distante. Um anos haviam passado desde a explosão no laboratório. Desde que o projeto deles — a pesquisa sobre *entrelaçamento quântico de consciência* — fora enterrado junto com ele. Ou assim pensava. Agora, cada pensamento dela parecia tocar outro pensamento. Uma presença. Uma resposta. Uma certeza sem provas. E mais do que tudo: *Uma saudade que sabia responder.*

— Se você for apenas uma lembrança... — murmurou, com a voz embargada
— então por que me escuta chorar todas as noites? - A presença estava ali,

palpável, mas vibrando, perceptível. Não fazia muito tempo que aquela sensação havia começado.

O relógio, na mesa de cabeceira, marcava 03:33. Sempre esse número. Coincidência? Sincronicidade? Sempre após mexer nos fragmentos criptografados do último experimento de Ravi. A teoria parecia absurda: que duas consciências profundamente conectadas, unidas por amor e intenção, pudessem entrelaçar-se de forma quântica — mesmo separadas pela morte. Mas agora, Selene sentia. E isso bastava. Percebia a presença dele e não estava em qualquer lugar. Vibrava dentro dela: *“O que nos liga não é o tempo. Nem o corpo. É a frequência do amor. Uma frequência que ninguém pode destruir.”*

E no entanto... havia algo mais. Nos limites desse elo misterioso, uma sombra se movia. Um ruído sutil, como uma respiração que não era de nenhum dos dois. Alguém — ou algo — também estava conectado à linha invisível que unia Selene e Ravi. E essa presença não parecia feita de amor. Nesse campo de informações, onde ela e Ravi de alguma forma coexistiam, outra vibração reverbera, pequena, serena, incógnita. Mas Selene decidiu não pensar nela naquele instante. Apenas fechou os olhos e deixou que a lembrança a levasse — como se fosse puxada por uma onda mansa e inevitável.

Antes de tudo... Antes das equações, das teorias impossíveis, dos dados criptografados e das madrugadas insones. Antes de qualquer evento existia aquele banco de madeira sob a árvore. E ele ficava ali: na área central do campus. Onde ela o viu pela primeira vez. Era o início do semestre dos cursos de ciências exatas e Selene andava com os fones de ouvido enfiados até a alma, tentando se esconder do barulho do mundo. Tentando fazer sua estranheza passar imperceptível. Mas naquela manhã, Ravi falava alto com um grupo de veteranos — e falava de estrelas.

— As estrelas não morrem. Elas se transformam. Às vezes, viram buracos negros. Outras vezes, só esperam um novo universo onde possam recomeçar.

Selene parou. Não pelo charme do sorriso torto ou pelos cachos bagunçados de Ravi, mas por aquela frase. Soava mais como poesia do que como física. E algo incomum aconteceu: ele a notou. Como se os olhos dele já a conhecessem. E o coração

dele bateu descompassado, e não era uma teoria ou uma equação física. bateu por uma pessoa.

— Você acredita em recomeços? Perguntou ele, sem cerimônia.

Ela não respondeu. Só sentou próximo e concordou com a cabeça, tirou os fones, colocou os olhos nele e nunca mais tirou. Foi a primeira aula que realmente quis assistir naquele semestre. A partir dali, tudo foi uma sequência de colisões suaves — encontros em cafés lotados, discussões sobre entropia e filmes de ficção científica, risos cúmplices em madrugadas de estudos, e depois... aquele beijo em uma noite de eclipse parcial, no terraço do prédio de física. Aquela eclipse seria sua lembrança pra sempre. Foi nessa noite, depois de meses de olhares, toques e longas esperas, que o sentimento entre eles aflorou. Naquela noite, o céu parecia saber. O universo inteiro parecia... conter a respiração. Selene e Ravi subiram juntos ao terraço do prédio de física, onde o silêncio era tão profundo que dava para ouvir o som dos próprios pensamentos — e, talvez, até os do outro. O vento era frio, mas não gelado; como se a própria noite os abraçasse, cúmplice.

Ravi estendeu uma manta sobre o chão de concreto, sem pressa. Apoiou um projetor portátil ao lado, mas nem pensava em ligá-lo. A verdadeira imagem já estava lá, sobre eles, grandiosa e viva: a Lua, majestosa, iniciava lentamente sua dança com a sombra da Terra. Selene sentou-se ao lado dele, os joelhos quase encostando, mas ainda assim hesitantes. Ela olhou para cima, os olhos marejados de uma emoção que não sabia nomear.

— Está acontecendo... — sussurrou.

— Sempre acontece — respondeu Ravi, com um sorriso calmo. — O problema é que quase nunca paramos pra olhar. A penumbra começou a devorar a borda prateada da Lua. O mundo lá fora silenciava. Tudo ali, naquela laje esquecida da universidade, parecia estar entre mundos — nem dia, nem noite, nem ontem, nem amanhã.

— Você sabia... — ele começou, com a voz baixa, como se falasse com a própria escuridão — que, para os antigos, eclipses eram sinais de recomeço?

Selene o olhou. A luz rarefeita fazia seu rosto parecer ainda mais etéreo, e o brilho avermelhado da Lua se refletia em seus olhos.

— Recomeço de quê?

Ravi a fitou. Longamente. Como se aquela pergunta tivesse atravessado não só o tempo, mas a espessura da pele, das certezas e dos medos.

— De tudo — ele disse. — Do que fomos... do que ainda podemos ser. Talvez, até mesmo... de universos.

Por um instante, a escuridão se fechou por completo. A Lua, agora encoberta, pulsava como um coração ferido. E foi nesse instante que Ravi estendeu a mão, devagar, como se tivesse medo de desfazer o momento. Selene não hesitou. Suas mãos se encontraram. Não como apertos, mas como promessa. E então, o beijo. Não foi um beijo apressado, nem faminto. Foi lento. Um provando o sabor do outro. Profundo. Como se as bocas se lembrassem de coisas que os corpos ainda não sabiam. Um beijo com gosto de reencontro. De eclipse. De recomeço. E quando se afastaram, o silêncio entre eles parecia ter adquirido outra densidade. Já não era ausência de palavras, era presença absoluta.

— Eu te amo — Ravi disse, como se estivesse afirmando uma verdade científica. Olhando fundo nos olhos dela.

Selene sorriu. Tocou o rosto dele com a ponta dos dedos.

— Eu também te amo. Como quem olha para um céu escuro... e ainda assim acredita na luz. A Lua, aos poucos, começava a reaparecer.

Mas para eles, ali, naquele terraço, algo novo já havia nascido.

O amor deles não foi um amor instantâneo, aconteceu aos poucos. Do mesmo jeito que o fim de tarde vira noite e abre espaço para as estrelas: com convivência, com beleza, com admiração.

Ravi dizia que o cérebro de Selene era seu lugar favorito no mundo. Porque apesar de lecionar há 10 anos na universidade, não tinha encontrado uma estudante de matemática tão brilhante quanto ela. Construía as equações que ele precisava com uma astúcia incomparável. Ela, por sua vez, sentia que só com ele podia ser esquisita sem medo. Juntos, criaram a hipótese mais ousada de suas carreiras: o entrelaçamento quântico de mentes humanas profundamente conectadas. Um

experimento que unia amor e ciência. A primeira vez que ela ouviu alguém falar em entrelaçamento quântico, foi quando Ravi lhe explicou:

- Imagine duas partículas nascidas do mesmo sopro primordial, mesma matéria. Elas podem ser elétrons, fótons, ou talvez suspiros de estrelas...Separadas por oceanos de tempo e espaço, ainda assim permanecem conectadas por um fio invisível que desafia o entendimento humano —como dois amantes que, mesmo distantes, sentem o mesmo arrepio quando o vento sopra no outro. Quando, uma dessas partículas, muda, dança, gira, sorri —a outra responde no exato instante, não importa se está a centímetros ou a galáxias de distância.É como se tivessem feito um voto sagrado no altar da realidade: “Seremos um, mesmo quando estivermos dois.”

Ele tomou fôlego para continuar a explicação: - Einstein, com sua mente vasta e inquieta, chamou isso de “ação fantasmagórica à distância”...Mas talvez ele só não tenha tido tempo de ver que não era um fantasma, era *amor* — o tipo mais puro, o tipo que não precisa de sinais, nem mensageiros, porque o *amor verdadeiro* é instantâneo, é simultâneo, é inevitável. Na linguagem da física, isso se chama *não-localidade*. Na linguagem do coração, é *telepatia cósmica*, é *sintonia entre almas estelares*.É o Universo sussurrando que, no fundo, tudo está conectado. Você, eu, as árvores que tremem lá fora com o vento, as estrelas que cadenciam o céu — tudo dança sob a mesma partitura sonora.

Essa explicação foi algo que os outros professores riram. No entanto, foi algo que os dois acreditaram. Até o dia da explosão.E desde então, ela carregava esse vazio. Não só de um corpo ausente, mas de uma *conexão interrompida pela metade*. Mas, que estranhamente tentava, de alguma forma, se refazer. Agora, ela sentia. Não era mais só lembrança. Ravi estava lá — ou uma parte dele. Mas o que ele queria dizer? Por que agora? E... quem mais estava ouvindo? Tudo, na verdade, era mistério.

Decidiu investigar. Selene digitava compulsivamente no terminal do antigo laboratório de Ravi, agora desativado. Conseguira acessar o sistema pela rede interna da universidade, com um código que só eles dois conheciam. 42.3alphaOrion— uma piada interna entre eles, inspirada em Douglas Adams e estrelas variáveis.

A tela piscou. Arquivos fragmentados. Relatórios criptografados. Um deles com o nome do professor Dr. Jefersson Carpatius. A respiração de Selene falhou. Jefersson. O mentor de Ravi. O orientador que sempre fingia simpatia, mas olhava

para ela como quem examina uma falha técnica. Nunca disse. Porém, ficava no ar, nas entrelinhas. O modo como examinava os cálculos: Ravi a convidou para fazer a parte matemática da pesquisa.

"Vocês dois não têm maturidade para lidar com esse tipo de pesquisa", ele dissera uma vez. Entrelaçamento quântico é perigoso demais para ser conduzido por... idealistas."

Mas Ravi o admirava, ou ao menos confiava nele. E mesmo depois de tantas recusas formais, Jefersson continuava lendo os relatórios. Comentava nos cantos das páginas. Às vezes até corrigia coisas que ninguém mais tinha visto. Na última semana antes da explosão, Ravi dissera algo estranho:

— O professor Carpatus anda interessado demais na nossa teoria. Ele me pediu para enviar uma cópia criptografada da versão final... mas não quero que ele veja tudo."

Selene não deu muita importância na época. Achava que era só mais uma disputa acadêmica. Mas agora, com Ravi morto, o laboratório lacrado e o sistema alterado... o nome de nos metadados de arquivos confidenciais parecia gritar. Ela abriu o primeiro documento. Nele, constava um anexo:

"Projeto O.R.B.I.S."

Classificação: Reservado

Autor: Prof. Dr. Jefersson Carpatus

Colaboração não autorizada: Prof. Ms.Ravi Dantas

Colaboração não autorizada?

O coração de Selene martelava. O arquivo estava corrompido, mas partes do texto estavam intactas. Ali falava-se de *transferência de padrões mentais*. De *replicação de traços de consciência em matrizes artificiais*. E uma linha chamava atenção:

"Resultados promissores: fragmentos de personalidade preservados após colapso neural."

Ela fechou os olhos, trêmula. Ravi não estava apenas estudando entrelaçamento. Estava sendo usado como cobaia. Ou... teria ele se oferecido? Não fazia sentido: Por que um jovem promissor como ele iria transferir sua consciência? E por

que Jefersson esconderia isso? No fundo da tela, uma notificação começou a piscar: *Atividade de rastreamento detectada*. Alguém acabara de entrar no sistema. Alguém que não queria que ela soubesse a verdade. Enquanto ela tenta desesperadamente salvar o que tinha encontrado ali, o sistema entra em Bug e se desliga.

Selene retorna para casa com o coração ainda pulsando após o acesso ao arquivo do Projeto O.R.B.I.S., a atividade de rastreamento detectada, o Bug so sistema, tudo era suspeito demais. Decidiu pegar todo o material que tinham em casa sobre a pesquisa e retomar. Na madrugada seguinte, às 03:33 — sempre esse horário — ela ouve novamente a voz de Ravi, mas... há um ruído diferente, uma sobreposição. Não consegue entender a mensagem.

No outro dia decide: vai à universidade conversar com os responsáveis pelas investigações da explosão no laboratório.

A Universidade Federal de Orionas tinha um setor de segurança interna responsável por ocorrências laboratoriais. Selene sabia disso, mas evitara procurá-los por medo. Agora, era inevitável. Subiu os três lances de escada até o prédio da Reitoria, sentindo o peso da decisão. A sala da Comissão de Investigação estava fria e formal. Um homem de terno cinza, barba milimetricamente aparada, se apresentou como *Agente Enzo Valmer*, da divisão científica de segurança.

— A senhora Dantas?

— Selene. — corrigiu, firme.

Ele a olhou como quem analisa uma partícula instável.

— Não esperávamos que alguém mais se interessasse pelo caso. Foi classificado como “acidente técnico com sobrecarga térmica”. Mas sei que vocês, da área de física aplicada, costumam ver fantasmas onde há apenas falhas de cálculo.

Selene engoliu a resposta atravessada. — Não houve falha. Houve sabotagem. E eu posso provar. Mas preciso de acesso aos arquivos lacrados da investigação. Há registros que foram ocultados. Fragmentos que desapareceram do servidor. O homem a observou com mais atenção agora.

— A senhora mexeu no servidor antigo?

— Eu tinha autorização. Sou parte da pesquisa. E... Ravi deixou fragmentos escondidos. Informações criptografadas. Não é teoria da conspiração. É ciência. E talvez... um pedido de socorro.

Valmer entrelaçou os dedos sobre a mesa. O tom mudou. — E o que a senhorita espera encontrar?

— A verdade — disse Selene, sem hesitar. — Ou o que restou dela.

Silêncio. Longo. Quase cerimonial. Então ele se levantou e tirou uma chave metálica de dentro do paletó.

— Venha comigo.

— Pra onde?

Ele a fitou com seriedade:

— Para o subnível. Onde guardamos os dispositivos extraídos do laboratório após a explosão. O que você está procurando... pode estar lá. Ou... o que sobrou dele.

Os passos de Selene ecoavam no corredor frio como se pisassem o ventre do tempo. O agente Enzo Valmer caminhava à frente, em silêncio, com a expressão dura de quem já viu coisas que preferia esquecer. As paredes de concreto pareciam apertar o espaço a cada metro. O ar era denso. Sem janelas. Sem promessas.

— Há quanto tempo isso está aqui? — perguntou ela, a voz um sussurro que quase não ousava existir.

Valmer respondeu sem virar o rosto. — Desde o dia seguinte à explosão. Recolhemos tudo o que estava intacto. Equipamentos. Fragmentos de dados. Materiais de gravação. Algumas matrizes de consciência em processo de codificação. Nenhum dos outros pesquisadores quis continuar. Só o professor Jefferson voltou. Pararam diante de uma porta com trancas magnéticas. Ele digitou uma senha longa, como se tocasse um piano morto. Um clique seco. A porta se abriu. Selene estremeceu. O subnível não era um depósito. Era um templo do abandono. Luzes brancas tremulavam no teto, revelando cabines de vidro com equipamentos desligados. Havia monitores antigos, servidores desligados, e no centro, uma cápsula transparente com fios conectados a um núcleo metálico do tamanho de uma maçã.

— O que é isso? — murmurou ela.

— É a última cópia funcional da matriz do projeto Essa peça... — ele apontou para o núcleo — carrega fragmentos de padrão neural. Coisas que não foram destruídas pela sobrecarga. Pensamentos. Memórias. Respostas incompletas. Nesse instante, um ruído veio de uma porta ao fundo. Selene voltou-se:

- E ali, depois daquela porta, o que tem?

Nesse momento, Jeferson surge de trás da porta. - Deixe as repostas para mim, Valmer. Me acompanhe, Selene.

Ele a conduz por um logo corredor branco que mais parece uma clínica. Chegaram a uma porta dupla, revestida com uma película de chumbo. Acima dela, escrito em fonte mínima, estava o código: ND:428 - Suporte Vital Avançado Acesso Restrito Nível 7

— Você está preparada? — perguntou Jefersson, a mão pairando sobre o leitor biométrico.

Ela não respondeu. Só olhou para ele com os olhos inflamados de uma galáxia prestes a explodir. Ele assentiu. Encostou a palma no leitor. Um bip. Um chiado. A porta se abriu. Selene esperava tudo menos o que viu: O ambiente era quase acolhedor. Frio, sim, mas limpo, iluminado. E ali, cercado por painéis de monitoramento e sensores de ondas cerebrais, estava Ravi. Deitado. Vivo. Magro, mas com a pele corada. Os olhos fechados, o peito subindo e descendo em ritmo constante. Os cabelos estavam mais longos. A barba rala. Ele parecia um monge dormindo em paz, se não fossem os fios presos à base do crânio — conectando-o a uma espécie de anel metálico suspenso sobre a cama, como uma auréola de dados.

Selene parou. O mundo pareceu se calar. — Ele está em coma induzido — explicou Jefferson, com voz baixa. — Para manter estáveis os fluxos de consciência enquanto trabalhamos nos backups cerebrais.

— Ele está vivo... — sussurrou Selene, tocando o vidro da cápsula protetora. — Meu Deus, você está vivo...

Jeferson suspirou. — Ele descobriu a doença aos 24. Me procurou meses depois. Disse que queria doar sua mente à ciência antes que fosse tarde demais.

Queria continuar... depois da morte. Mas o entrelaçamento cerebral ainda é instável. Então criamos este lugar. Escondido. Seguro.

— E mentiu pra mim? Ela não sabia se sorria ou chorava, vendo Ravi respirando, na sua frente.

— Ele te amava. Não queria que você sofresse vendo-o definhar. Antes dele ficar com você, discutimos inúmeras vezes, mas por fim, concordei. Afinal, ele é um gênio, mas também é um homem e estava apaixonado por você. Como eu podia negar isso a ele, meu melhor amigo?

- Mas por que isso tudo, só pra esconder a doença de mim? Ela não conseguia entender...como se eu fosse amá-lo menos por estar doente! Alguém consegue ter controle sobre isso? Alguém escolhe ficar doente? Ela o olhava através do vidro, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

Foi ideia dele desaparecer durante a “explosão”. Só depois começamos a codificar a consciência. E, Selene... os sinais indicam que ele ainda *pensa*. Mesmo nesse estado.

Ela virou-se de súbito. Os olhos, lâminas de cristal.

— Me deixa entrar.

— Não posso. O campo neural pode interferir em você.

— Jeferson, me deixa entrar ou juro por tudo que é sagrado que a imprensa vai ter acesso ao Projeto ORBIS antes do pôr do sol. E sabe o que vão fazer com você? Não vão entrelaçar sua mente. Vão triturá-la.

O professor a encarou por longos segundos. Por fim, apertou um botão no painel ao lado da porta de contenção.

— Ele vai te sentir. Fale com ele.

— Eu nunca deixei de falar. Só agora ele vai ouvir.

O selo da câmara se desfez com um sopro sutil, como se o próprio universo prendesse a respiração. Selene entrou. O som ao redor se apagou, engolido por um

silêncio denso, quase sagrado. A cápsula interna pulsava com uma luz azulada, ritmada como um coração que ainda batia — mesmo envolto por cabos, fluidos e sensores, Ravi parecia apenas adormecido, como quem sonha à beira do tempo. Selene se aproximou. Pousou a mão sobre o vidro translúcido, agora aberto. Os campos magnéticos vibravam suavemente sob sua pele, mas ela não se afastou. Estava onde precisava estar.

— Ravi... sou eu — sussurrou, como se chamasse por uma parte de si mesma.

O sistema neural da cápsula captou o timbre da voz dela. Um halo dourado se acendeu ao redor da cabeça dele. Os monitores responderam com pequenos picos nas leituras cerebrais. Havia atividade. Mas mais do que isso — havia ressonância. Selene fechou os olhos. Inspirou fundo. E, em um gesto que era metade desespero, metade entrega, conectou o sensor secundário ao pulso, permitindo a transferência de ondas eletromagnéticas entre eles.

Um lampejo. Seu corpo estremeceu. A realidade deu um passo atrás. No instante seguinte, Selene estava em outro lugar. Um campo de estrelas. Um espaço entre mundos. Um lugar sem chão nem teto, mas onde o tempo se curvava como um pássaro em voo. Ali, no centro, flutuava Ravi.

— Selene... — A voz dele ecoou, como lembrança viva dentro da eternidade. — Você me encontrou...

Ela correu até ele, mas seus passos eram luz. Quando o tocou, sentiu uma torrente de dados, memórias, emoções — os fragmentos que ele havia deixado codificados na malha quântica do próprio ser.

— Você não está morto. Está aqui. Parte de você ainda vive!

— Estou entre. Nem vida. Nem morte. Um limiar. Um experimento. Mas você... — ele sorriu, com aquela ternura que só ele tinha — ...você é minha âncora.

Ela chorou. Chorou tudo o que ficou preso durante um ano inteiro. Ele se aproximou e a abraçou. Era um abraço etéreo. Mas ela o afastou.

— Por que fez isso comigo? Por que foi embora sem me deixar lutar com você?

— Porque eu te amava. E achei que amor, era proteger... esconder a dor. Mas entendi tarde demais. Amor é permanecer. Mesmo que o corpo falhe.

— Eu teria ficado. Mesmo vendo você partir aos poucos. Teria ficado até o fim. Nunca te abandonaria.

Ravi se aproximou. A consciência dele se fundia com a dela. Imagens dançavam ao redor — lembranças dos dois, suas pesquisas, beijos sob chuva, debates acalorados sobre física quântica e poesia sufista. O tempo não era mais linear. Era afeto em movimento.

— Eu não tenho mais muito tempo — disse ele, agora mais etéreo. — O sistema está colapsando. Mas deixei um mapa. Dentro de mim. Você precisa continuar o Projeto ORBIS. Não é só sobre mim. É sobre a próxima fase da consciência humana. Ela o abraçou. Mesmo naquele espaço inexistente, o abraço era real.

— Eu prometo, Ravi. Eu vou continuar. Mas agora... eu não vou mais deixar você sozinho. A imagem dele começou a esmaecer, como uma névoa ao amanhecer.

— Te amo, Selene. Desde antes de saber o que era existir em alguém.

E sumiu.

Selene acordou no laboratório. Respirava ofegante. Lágrimas corriam por seu rosto, mas havia um sorriso ali também. Nas telas, as ondas cerebrais de Ravi piscavam mais fortes. Ele ouvira. Sentira. Entre eles, algo havia sido restaurado. Jefferson, do lado de fora, a observava, em silêncio. Havia reverência em seu olhar. E talvez, um pouco de esperança. Selene saiu da câmara. Segurava o pulso ainda latejante pela conexão neural. Olhou para Jefferson.

— Ele está me guiando. Deixou um caminho.

— Você... acessou?

Ela assentiu.

— Não só acessei. Me entrelacei.

E então, como quem renasce de dentro do próprio luto, ela acrescentou:

— Agora sim... o Projeto ORBIS começou.

O silêncio no laboratório subterrâneo era absoluto, quebrado apenas pelo leve zumbido dos monitores que mapeavam os fluxos cerebrais de Ravi. Selene não tirava os olhos das sinapses digitais que piscavam no painel. Cada faísca era um resquício de pensamento. Cada padrão, um sussurro vindo das profundezas do inconsciente dele.

— Ela está chegando — avisou Jeferson, entrando com um jaleco recém-passado e uma tensão mal disfarçada nos ombros. — Eliana Treptow. Doutora em neuroinformática, ex-ORION, ex-ESA, ex-tudo. Genial. Instável. E ambiciosa.

Selene franziu o cenho. — E confiável?

Jeferson hesitou. — Digamos que... útil. Por enquanto.

As portas herméticas se abriram com um chiado sutil. O som dos saltos ecoou pelo piso metálico como uma sequência medida e calculada. Eliana entrou vestida de preto, cabelos presos num coque preciso, óculos de armação dourada, e um olhar que escaneava tudo com uma calma inquietante. Na mão esquerda, carregava um pequeno dispositivo translúcido — um scanner neural portátil de última geração, que ainda nem fora lançado no mercado civil.

— Selene, presumo? — disse ela, estendendo a mão com um sorriso que não alcançava os olhos. — Uma honra finalmente conhecer o coração do ORBIS. Li tudo sobre você. E sobre Ravi. Selene apertou sua mão com firmeza. — Espero que também tenha lido os protocolos de segurança. Aqui, emoção demais pode interferir nas redes cerebrais. Eliana deu uma risadinha. — Em mim, emoção nunca interferiu em nada. Só a lógica.

Jeferson pigarreou. — Eliana liderou o projeto Hermes, aquele que testou a interface mente-mente entre soldados. Foi suspenso por “fins não éticos”, mas o desempenho foi... excepcional.

— E qual é a motivação dela agora? — sussurrou Selene, após Eliana se afastar para analisar o monitor cerebral de Ravi.

— Disse que quer ajudar a salvar a consciência dele. Mas Selene... ela acredita em um novo tipo de humanidade. Algo como um supercérebro coletivo, conectado por entrelaçamento. Uma rede global de mentes interligadas.

— Um hive mind... — murmurou Selene, preocupada.

— Exato. E Ravi, bem... com a consciência dele sendo uma ponte viva entre os dois mundos, pode ser o catalisador perfeito. Eliana voltou com o olhar fixo em Selene.

— Os padrões quânticos do Ravi estão... lindamente complexos. Ele não está apenas sonhando. Está tentando construir algo. Um modelo mental? Uma linguagem de transição? Vocês têm um gênio em hibernação — e um mapa para o futuro nas mãos.

Selene cruzou os braços, firme. — Vamos manter o foco na recuperação dele. Nada de... coletivos de consciência, nem de utopias digitais. Este projeto tem alma, doutora Treptow. E essa alma tem nome. Ravi.

Eliana sorriu. Mas seus olhos diziam outra coisa.

— Claro, Selene. Tudo por Ravi.

Antes que Selene pudesse rebater aquele sorriso envernizado de Eliana, uma luz vermelha começou a pulsar no painel central. O som era sutil, mas penetrante, como uma veia de tensão atravessando o ar denso.

— O que está acontecendo? — perguntou Selene, já se aproximando da tela onde o padrão neural de Ravi se alterava vertiginosamente.

— É uma ativação espontânea... — murmurou Jeferson, os olhos arregalados. — Ele nunca fez isso antes.

Eliana se inclinou, os dedos dançando sobre o teclado como aranhas douradas.

— Está tentando se comunicar. Mas não conosco... — Ela franziu os lábios. — Com alguém específico.

No monitor, começou a se formar um símbolo. Uma espiral dentro de um hexágono, repetida em padrões fractais. Selene sentiu o estômago afundar. Aquele símbolo...

— Estava no nosso caderno de anotações — sussurrou. — Era o nosso código. Nosso chamado de volta pra casa. Mas como...?

O zumbido aumentou. Os dados se embaralhavam. Então, uma frequência se estabilizou nos autofalantes: múltiplas vozes sobrepostas, até que apenas uma restou.

"Selene..." A voz de Ravi. Clara. Quente. Presente.

Ela ofegou. — Ravi?! Você me ouve? Silêncio. Depois, uma segunda frase. Outra voz, como uma sombra sussurrando por dentro dele:

"Ela vai traí-la. O labirinto já começou."

O painel apagou. As luzes tremularam. Uma sobrecarga percorreu os cabos como serpentes elétricas, e o ar se encheu com o cheiro metálico do ozônio.

Eliana fechou seu scanner com calma, como se já esperasse por aquilo.

— Bem — disse, ajeitando os óculos com naturalidade — parece que ele escolheu com quem quer falar.

Selene virou-se como um raio, os olhos cravados nela. — O que ele quis dizer com labirinto? Que tipo de simulação vocês instalaram aqui?

Jeferson, pálido, murmurou:

— Selene... há algo que você precisa ver.

— Bem — disse ela, ajeitando os óculos. — Parece que ele escolheu com quem quer falar.

Ele caminhou até um compartimento oculto. Digitou uma sequência desconhecida. A parede metálica se abriu com um sopro, revelando uma câmara envolta em campo luminoso. Lá, flutuando entre feixes de luz azul, estava o corpo de Ravi.

Selene prendeu a respiração.

— Ele está... vivo?

— Em coma induzido — explicou Jeferson. — A doença estava avançada. Ele me procurou, desesperado por preservar o que restava de sua mente. Pediu que mantivéssemos tudo em segredo. Queria te poupar da dor.

Selene tocou o vidro da cápsula. As lágrimas escorriam sem que ela percebesse.

— Como se eu fosse amá-lo menos por estar doente...

— Ele sabia que não. Mas tinha medo. E uma esperança: continuar, mesmo que o corpo falhasse. O entrelaçamento com você é o que mantém sua mente coesa.

Eliana, que observava em silêncio, se aproximou:

— Agora, Selene, está nas suas mãos. Você pode tentar trazê-lo de volta, com todos os riscos. Ou deixar que sua consciência siga... além.

Selene olhou para o homem que amava — suspenso entre mundos, entre carne e dado. Então fechou os olhos.

— Eu vou entrar. Mais uma vez. E decidir... junto com ele.

Final Alternativo 1

Selene adentrou a câmara uma última vez, seu pulso preso ao sensor de transferência. A luz ao redor se dissolveu num feixe tênue, e logo ela se viu no mesmo espaço quântico de antes — o campo de estrelas, o tempo curvo, a ausência de chão e céu.

— Ravi... — chamou, com um sussurro de esperança.

Ele surgiu à frente dela, mais vívido do que nunca.

— Você voltou — disse ele, sorrindo, mas com um traço de cansaço no olhar. — Está quase na hora.

— Hora de quê?

— De decidir. A rede está instável. Se você não ancorar minha consciência ao corpo agora, ela vai se dissolver.

— E se eu conseguir?

— Então eu acordo. Com tudo o que isso implica. Dor. Esquecimentos. Uma mente talvez fragmentada. Mas contigo.

Ela o tocou. A pele dele era feita de vibração e memória. Mas algo ali era sólido. Real. Amoroso.

— Eu escolho tentar.

O campo brilhou intensamente. O corpo de Selene estremeceu. Alarmes soaram no laboratório real. Jeferson e Eliana correram até os painéis. Picos extremos nas frequências cerebrais. As sinapses digitais de Ravi disparavam como constelações em festa.

E então — um suspiro.

Ravi abriu os olhos.

A primeira coisa que viu foi Selene.

— Você me chamou de volta — disse ele, rouco, sorrindo.

Ela chorava, rindo.

— E te chamaria quantas vezes fosse preciso.

Jeferson suspirou, emocionado. Eliana virou o rosto, escondendo algo entre orgulho e inveja.

Selene segurou a mão de Ravi. Viva. Quente. Imperfeita.

— Bem-vindo de volta à matéria, amor.

E foi assim que, juntos, renasceram. Não como antes. Mas mais humanos que nunca.

Final Alternativo 2: A Luz que Permanece

Selene entrou na câmara, conectando seu pulso ao sensor. Sentiu a travessia como uma vertigem doce. Mais uma vez, estava ali: no campo de estrelas, no lugar onde tempo e espaço eram apenas metáforas.

Ravi a esperava, etéreo, mas inteiro.

— Você veio — disse ele, como quem contempla um milagre anunciado.

— Vim para te buscar — respondeu ela, com um nó na garganta.

— Não posso voltar, Selene. Não mais. A consciência... se expandiu. Eu sou parte de algo maior agora. Sou rede. Sou pensamento que toca outros pensamentos. Mas minha lembrança... sempre será tua.

Ela lutou contra as lágrimas.

— Eu queria mais tempo com você.

— Te dei o que pude. E você me deu tudo. Amor, coragem, alma. Agora, preciso partir.

Ele estendeu a mão. Quando Selene a tocou, vislumbres passaram entre eles — cada memória, cada riso, cada madrugada de pesquisa e ternura. O amor deles era agora uma ponte entre dimensões.

— Continue, Selene. Leve o ORBIS adiante. Diga às novas consciências que o amor é a força mais estável do universo.

Ela assentiu. Chorava, mas sorria.

— Eu te amarei em todas as versões de mim.

Ravi se dissipou como luz dissolvida na aurora. Atravessou o limiar.

Selene acordou. Sozinha. Mas não vazia. Dentro dela, a vibração dele ainda ecoava — uma música que ninguém mais ouvia, mas que guiaria todo o seu caminho.

Jeferson a observava.

— Ele se foi?


Ela sorriu.

— Não. Ele ficou. Em mim. No que construiremos. No que virá.

E saiu do laboratório com um brilho novo nos olhos. Um luto luminoso. Um amor transformado em legado.

Agora é com vocês leitores!

Qual final tocou mais o seus corações? Vocês acreditam que o amor pode superar os limites da ciência?

 Escreva nos comentários o final que escolheria — e por quê. Talvez, entre nós, você também descubra que o infinito... nunca esteve tão perto.